

de Aroeiras, criada em 2014, com o apoio do Centrac. A feira deu mais sustentabilidade às famílias. O que não é consumido por elas, pode ser levado para a feira e ainda gerar renda. Foi um desafio conseguir criar e ainda é pra gente conseguir manter, mas continua dando certo. A gente tem um ponto fixo, conquistamos nossos clientes e um ajuda o outro. Eu levo o leite, o coentro e o jerimum, mas se eu não tenho coentro e a outra família tem, eles levam. A gente sempre tem o cuidado de levar o que o outro não tem e também pra diversificar os produtos e todo mundo sair ganhando.

Através da feira, surgiu o Projeto Da Roça à Mesa, desenvolvido pelo Centrac em parceria com os feirantes. O projeto beneficiou as 15 famílias envolvidas na feira com um Sistema Simplificado de Reuso de Água e fogões ecológicos. Com o reuso de água, toda a água da louça, da lavagem de roupas do banho vão para uma caixa e passa por um processo simples de filtração por pedras e areia. Em seguida, a água vai limpa para outra caixa e serve para ser utilizada nas plantas. Com o fogão ecológico, Solange não precisa mais comprar carvão e também economiza no gás de



cozinha, além de não poluir o meio ambiente. A lenha que a gente usa no fogão é a do próprio arredor de casa, das plantas que a gente poda, os galhos secos.



A agricultora também está fazendo parte do Fundo Rotativo Solidário de mulheres da comunidade Bernardo, para a construção de mais fogões ecológicos e compra de tela, envolvendo as famílias que ainda não têm. O grupo tem 11 mulheres participando, algumas delas não têm renda fixa e com o fundo de tela ou de fogão as mulheres vão ter mais autonomia, mais liberdade. Vão poder fazer bolo, criar umas galinhas, vender na feira, diz a agricultora. Com o Fundo Rotativo Solidário, dona Solange pretende colocar mais tela no galinheiro,

separando as outras galinhas das que não estão pondo e também aumentar a criação. O casal também tem um minhocário na propriedade, no futuro, eles pretendem a fazer outro e utilizar mais do húmus na horta. Solange conta que o húmus de minhoca é muito rico e cheio de nutrientes para as plantas.



Realização



Apoio



O Candeeiro

Boletim Informativo do Programa Uma Terra e Duas Águas

Aroeiras
2017



Paraíba

O arredor de casa de Solange e Zé Pedro: segurança alimentar, experimentação, autonomia e renda



Maria Solange de Araújo Muniz tem 51 anos. Ela nasceu no município de Itabaiana, Agreste da Paraíba, e se criou no município de Aroeiras, na comunidade de Pedro Velho. Ao contar sua história, ela recorda os momentos em família e conta como a agricultura sempre foi parte de sua vida: desde pequena a gente já trabalhava na agricultura, criava as ovelhas, tirava a ração para o gado, cortava capim, a palma. Eu lembro que meu pai tinha um campo de tomate e eu ajudava ele na colheita. E ainda tinha os serviços da casa, mesmo com muita dificuldade, é sempre uma lembrança boa, diz Solange.

Ela morava com os pais e mais três irmãos nas margens do Rio Paraíba, numa propriedade herdada de seus avós. Mesmo com muito trabalho em casa, os pais de Solange sempre insistiram para que todos os filhos estudassem. Com 12 anos de idade, ela foi morar na cidade, na casa da avó, para concluir o ensino fundamental. Quando o carro estudantil apareceu, ela voltou para a casa dos pais e continuou indo à escola no carro. Por incentivo de uma prima, Solange conseguiu concluir o ensino médio e fazer o curso de magistério para professora, ela foi aprovada em um concurso do governo do estado e foi professora na comunidade do Bernardo, atividade que conciliava com a agricultura.

Foi nessa época que conheceu seu esposo, José Pedro Figueiredo Muniz. No ano de 1987, os dois se casaram. Zé Pedro já era agricultor e morava com a mãe no sítio Bernardo. Quando a gente casou, fomos morar com eles aqui no sítio, numa casa vizinha, mas na mesma propriedade. A casa que a gente vive hoje era dos pais de Zé Pedro. Como ele era o filho mais novo, e todos os outros já tinham casado, a mãe deixou a casa para ele. Zé Pedro nunca estudou, mas sempre se dedicou muito ao trabalho. O que ele gosta mesmo é de cuidar das vacas e do gado, conta Solange.



Pouco tempo depois de casados, os dois tiveram a primeira filha. Solange conta que foi uma escadinha. Primeiro veio Samara, hoje com 29 anos, enfermeira, depois Saulo, com 26 anos, técnico em agropecuária, depois Sabrina, 23 anos, estudante de engenharia civil e Sávio, o filho mais novo, de 20 anos. O caçula é único que vive com os pais na propriedade. Ele é agricultor e também estudante do curso técnico em edificações. Ela se orgulha de ela mesma ter alfabetizado os quatro filhos.

Em 2004, o casal conquistou a primeira cisterna de água de beber, através do Programa Um Milhão de Cisternas, com apoio do Padre Rômulo, de Aroeiras e do Movimento dos Atingidos por Barragem (MAB). Foi quando as coisas começaram a melhorar. Antes só tinha água no barreiro aqui perto de casa, quando secava, a gente ia buscar no Rio Paraíba, nos jumentinhos. Também fazíamos umas cacimbas no rio, pra poder puxar a água com balde, porque às vezes faltava água para beber, lembra a agricultora. Após a chegada da cisterna, o casal deixou de beber água do barreiro e aumentou o armazenamento de água.



Em 2006, veio a cisterna do tipo calçadão, através do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2), com o apoio do PATAC. Com a chegada da cisterna de produção, Solange participou das reuniões e formações. Com mais conhecimento, a gente foi aprendendo a ter cuidado com as cisternas e também ampliei o arredor de casa. Hoje eu tenho uma variedade de plantas. Tenho orquídea roxa, avenca, jasmim cera, fixo, lírio branco, jasmim de São José, jasmim laranja, palmeira, onze horas branca, roxa e amarela, árvore de natal branca e roxa, arara roxa, comigo ninguém pode, girassol, riso dos anjos e ainda tenho as plantas que não sei o nome, mas eu gosto demais. Quando eu participo dos intercâmbios de experiências e vejo uma planta bonita, eu sempre trago para casa ou eu troco com outros agricultores e agricultoras e assim vai, diz Solange.

Ela também tem uma variedade de plantas medicinais: pinhão roxo, erva babosa, saião, anador, capim santo, hortelã da folha grande e miúda, endro, alecrim, insulina, manjeriço de São José e penicilina. Durante os cursos do P1+2, Solange aprendeu também a fazer alguns defensivos naturais, com a urina de vaca. Ela utiliza nas hortaliças para combater as lagartas e também de um mofo escuro que dá nas plantas, o que ela chama de ferrugem. O casal conta que nunca utilizou agrotóxico na propriedade.

Zé Pedro e Solange tem uma variedade de mais de 70 culturas em um sistema agroflorestal que promove benefícios econômicos e ecológicos. Além das plantas ornamentais e medicinais, tem as hortaliças: tomate cajá, couve, pimenta, coentro, pimenta de cheiro, maxixe, cabaço, cebolinha, berinjela, pimentão, espinafre, quiabo. As fruteiras: graviola, pinha, acerola, caju, mamão, umbu, romã, seriguela, goiaba, maracujá, abacaxi, coco, melão e as espécies florestais: aroeira nativa, aroeira praia, ipê amarelo, ninho, mororó, umburana, moringa, jucá, pinhão bravo, trapiá. O casal também cultiva feijão, milho, macaxeira, jerimum, batata. Tem as forrageiras gliricídia, palma redonda, palma doce e orelha de vó, leucena, maniçoba, cardeiro, cana de açúcar e capim buffel. De criações, hoje tem galinha de capoeira, peru e o gado. Eu cuido muito das minhas galinhas de capoeira, elas são minhas sementes da paixão. Eu herdei elas da minha sogra e da



minha mãe, tenho um cuidado danado pra não perder. Hoje eu tenho seis, mas estou sempre botando elas para chocar e a gente também come uma toda semana. Eu também faço meus queijos com o leite da vaca e a gente consome as coisas da minha horta. Quando esta na época da fruta eu estoco, faço polpa. Zé Pedro tem 10 vacas e todas dão leite. É com esse dinheiro do leite que a gente faz a feira, ajuda muito.

Em 2005, a comunidade Bernardo constituiu o Banco de Sementes Comunitário. Solange conta que, mesmo sem estrutura, eles receberam as sementes e distribuíram entre as famílias agricultoras. O banco ficou instalado em um quarto pequeno na propriedade do casal, mas toda a comunidade pode acessá-lo. Depois de um tempo, o casal conseguiu reformar o espaço que ganhou prateleiras. Atualmente, o banco possui mais de 20 variedades de sementes.

A agricultora também faz parte da Comissão Municipal de Aroeiras, da Rede de Fundos Rotativos Solidários da Articulação do Semiárido da Paraíba (ASA-PB), do Fórum de Lideranças do Agreste (Folia), do Fórum Estadual de Economia Solidária e também da Feira Agroecológica de Aroeiras. Solange avalia como é importante estar inserida nesses espaços e como sua participação pode trazer benefício a outras famílias da comunidade. Ela fala de sua experiência na feira agroecológica

